

O DESPORTO ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA DE TREINOS E DE JOGOS FUTSAL

Dourivaldo Teixeira

Roseli T. Selicani Teixeira

Universidade Estadual de Maringá – Departamento de Educação Física, Brasil

INTRODUÇÃO

O desporto é um fenômeno sociocultural digno de reflexões pedagógicas e práticas educacionais. Para Santin (2002), o desporto se converteu, em todo o mundo, num “... setor dominante da vida social. [...] delimitar o seu campo de abrangência ou estabelecer seu significado parece ter-se tornado tarefa, senão impossível, no mínimo muito complexa”. Ações e reflexões pedagógicas sobre este fenômeno são possíveis e necessárias se considerada sua condição de conteúdo das aulas de Educação Física, mas, principalmente por se tratar de experiências extracurriculares amplamente divulgadas em instituições educativas, públicas e privadas.

A legitimidade da ação pedagógica no desporto, colocada por Santin, passa a exigir uma atitude reflexiva no momento em que entendemos que ao vivermos “a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade” (Freire, 1996); ou seja, no momento em que percebemos que temos uma presença transformante e que podemos contribuir com as mudanças em nosso entorno.

Por ser uma construção do homem o desporto tornou-se uma complexidade, resultado da “mundaniedade” e existência características do próprio homem. Neste sentido, cabe pontuar que esta reflexão pedagógica sobre o desporto, segundo Morais (2002), deverá ser embasada em uma visão de homem, de sociedade e de mundo, levando em consideração que “o ser humano é um ser-no-mundo”, definindo, também, sua situacionalidade e complexidade; “o ser humano é um ser-com-o-mundo”, ponto da comunhão do homem com o mundo, onde se dá a formação de sua personalidade; e “o ser humano é um ser-pelo-outro”, destacando a necessidade do homem de conviver com outros de sua espécie.

Assim colocada, entendo que a prática do desporto concebida como fenômeno social, com características educativas – portanto, sujeita a reflexões pedagógicas – pode contribuir com a interação homem/mundo/outro, que potencializaria uma visão de homem como um ser significativo que atribui significados; que constrói história; e, que tem uma existência dialética com o mundo (Espósito, 1993).

Nesta visão de homem significativo, situado em relação dialética com o mundo, nada está pronto, nada está dado antecipadamente ou definitivamente, ou seja, homem, sociedade e mundo estão simultaneamente fazendo-se e fazendo um no outro. Um dos frutos desta relação humana, ser/fazer com o outro e com o mundo, é o desporto, que veio, com sua complexidade, a se tornar um dos fenômenos sociais de maior repercussão de todos os tempos.

Se por um lado podemos considerar que as experiências e vivências no desporto vêm sempre mais embebidas, de forma hegemônica, de um discurso prático reprodutivista, de doutrinação acrítico e de passividade, norteando-se porem um modelo de adestramento-treinamento, independentemente da idade do praticante, visando à alta *performance* e ao rendimento máximo. Por outro, podemos compreender que, se bem planejado, bem direcionado e, principalmente, se levar em consideração que o centro do processo é o sujeito que o pratica, em um contexto sócio-cultural determinado no tempo e no espaço, o desporto poderá ser importante para a auto-superação e a superação das dificuldades na vida do próprio sujeito.

Diante deste quadro me sinto inquieto em relação às vivências que envolvem os sujeitos com a prática do desporto dentro da escola, mas fora da aula de Educação Física, ou seja, o desporto que envolve, em treinos especializados e em jogos oficiais, alunos-atletas, professores-técnicos, pais de alunos-atletas e diretores de escola. Inquietação que me motiva no sentido de analisar e refletir na região de inquérito: sujeito-desporto-escola.

Sendo assim, neste momento, se faz necessário a questão do sentido do método. Neste sentido, quero colocar a questão do desporto, do sujeito participante e da escola de maneira original, entendendo, a partir de Husserl, tão bem analisado e discutido por Merleau-Ponty (1994) e Ricoeur (1978) entre outros, que isto é possível por meio do movimento de retorno “às coisas mesmas” (Merleau-Ponty, 1994), deixando-me “conduzir” (Gadotti, 1984) por elas, que é a característica principal da atitude fenomenológica. Ao deixar-me conduzir pelas coisas mesmas manifestando a minha intencionalidade em clarificar o fenômeno, assumo a atitude fenomenológica, essencial neste caso, consciente de que o mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha (Merleau-Ponty, 1994).

A tentativa da compreensão leva-me, no caminhar fenomenológico, a perceber que em todas as vivências está sempre a presença do outro, sua visão, seus sentimentos, seus pensamentos, suas ações, ora divergindo, ora convergindo, ora indiferente, mas sempre presença imbricada no mundo-vida.

A trajetória de pesquisa, o caminho para a abordagem do fenômeno, depende do campo de estudo e do próprio fenômeno, mas, preponderantemente, da maneira como o fenômeno é interrogado. Com tal entendimento se manifesta para mim a interrogação da realidade vivida no mundo do desporto que deve ser construída como a interrogação de pesquisador que pesquisa na região de inquérito do desporto escolar: o que é isto, o desporto escolar?¹

Neste caso a pretensão é buscar a essência do fenômeno desportivo escolar compreendendo sua estrutura, e ao me encaminhar para dentro desse fenômeno, que se mostra à experiência, ir além do imediatamente observado e descrito, chegando aos valores e à intencionalidade dos sujeitos participantes.

Para responder esta interrogação, torna-se fundamental o “ir-à-coisa-mesma”² e interrogar o próprio fenômeno; e como o fenômeno só se mostra para um sujeito intencional, pois só há um fenômeno se houver um sujeito, dirigir-me-ei até o mundo-vivido dos sujeitos no contexto desportivo escolar. Assim, apresento a trajetória construída no sentido de uma pesquisa qualitativa, calcada em uma abordagem fenomenológico-hermenêutica.

Com a fenomenologia direciono minha consciência sobre o mundo-vivido dos sujeitos participantes do desporto escolar, descrevendo-o por meio de observações. Estas observações são transformadas pela linguagem escrita em um discurso descritivo³.

Com a hermenêutica busco o significado que o discurso expressa, a partir de seu contexto, enquanto produção humana. Basicamente, no processo hermenêutico, trata-se, mais do que ler as descrições das experiências vividas e interpretá-las a partir de minha própria experiência enquanto sujeito que interroga, de ir “ao encontro histórico dessa vivência com a tradição que se objetiva na cultura gerando tensões. É a tensão produzida ‘ao ver-se’ o passado na perspectiva do presente que induz o movimento dialético intrínseco à hermenêutica [...]” (Espósito, 1997, p. 83-84).

Optei pela abordagem fenomenológico-hermenêutica, por aceitar o desafio de interagir no mundo-vida dos sujeitos participantes do desporto escolar, compreendendo que vivemos a tensão e os conflitos característicos das vivências neste contexto porque nele existimos intersubjetivamente. Como pesquisador, o rigor se impõe a mim a cada momento em que interrogo o fenômeno e em meu próprio pensar esclarecedor dentro da trajetória fenomenológica que, segundo Bicudo (1997), “[...] consiste em três momentos, que não devem ser vistos como seqüências”: por o fenômeno em suspensão (*epoché*) ao destacá-lo entre outros

1. Esta forma de interrogar atende ao critério de “amplitude necessária capaz de orientar, sem restringir o tema a ser evidenciado nesta pesquisa” (ESPÓSITO, 1993).

2. Ir-à-coisa-mesma é, para Merleau-Ponty (1994), “[...] retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda a determinação científica é abstrata, significativa e dependente [...]”.

3. Sobre as características do discurso descritivo ver Rezende (1990) e sobre a adaptação deste discurso ao desporto escolar ver Teixeira (2003, p. 110).

possíveis; realizar a redução, com a seleção das partes essenciais da descrição; e, a compreensão ou interpretação fenomenológica.

Esta abordagem metodológica, que privilegia o mundo-vida (*lebenswelt*) dos sujeitos e que diz respeito ao mundo pré-reflexivo e pré-objetivo, consubstancia-se na dinâmica e na continuidade das experiências vividas e narradas a partir do mundo-vivido dos sujeitos no contexto desportivo escolar, condição que faz com que, continuamente, se tenha que buscar o restabelecimento do curso da experiência e perceber que o “mundo está aí ao redor daquele que o experiencia, experienciando a certeza de estar chegando a alguma coisa, ou de ser capaz de chegar a ela de forma pura tal como ela se dá na percepção.” (Martins; Bicudo, 1989).

O objetivo deste estudo é compreender o mundo-vida de sujeitos participantes da prática da modalidade futsal na escola. Os objetivos específicos são: a)- descrever as vivências no mundo-vida de sujeitos participantes da prática do futsal na escola, por meio da observação de treinos especializados e de jogos oficiais; b)- interpretar estas descrições buscando identificar características do mundo do futsal na escola

O universo da pesquisa se restringiu ao ensino fundamental (1^a a 8^a séries) das 41 escolas públicas e 15 escolas privadas⁴ do município de Maringá⁵, e o fato de a modalidade de “futsal” ser amplamente praticada nestas escolas orientou a opção para o desenvolvimento da investigação em 8 escolas⁶ que possuíam a prática desta modalidade em treinamentos regulares e/ou em competições oficiais promovidas pelas instituições desportivas.

Tal orientação, conseqüentemente, levou a uma re-estruturação da questão norteadora, que passou a ser: o que é isto, o desporto futsal na escola? Os sujeitos participantes a que venho me referindo são aqueles que potencialmente estão mais diretamente implicados na prática do desporto futsal na escola, ou seja, os alunos-atletas, os professores-técnicos, os pais dos alunos-atletas e os diretores de escola.

Durante a pesquisa foram realizadas 6 observações de treinos e 19 observações de jogos, que, uma vez transcritas, constituem a descrição do mundo-vivido dos sujeitos. Com observações de “forma livre” (Trivinos, 1987), a meta é descrever as vivências dos sujeitos participantes na prática do futsal no contexto desportivo escolar. Tomando por base Bogdan; Biklen (1994, p.115), as observações são realizadas de duas formas: durante os treinos de “forma objetiva”; e durante os jogos de “forma dissimulada”, mas, em ambos os casos com a anuência dos sujeitos.

4. Pesquisar nas escolas públicas e privadas se faz necessário devido ao fato de que no mundo do desporto escolar competitivo estes dois tipos de escolas se inter-relacionam e interagem, principalmente, nas competições oficiais em que participam.

5. Maringá é um município extremamente pujante e foi fundada em 10 de maio de 1947, pela Companhia de Melhoramento Norte do Paraná. Seu desenvolvimento econômico foi rápido e dinâmico, com alta produtividade e em bases modernas, superando outras regiões do estado e do país. É uma das cidades brasileiras mais arborizadas (25,94m/hab. de área verde), que com um clima subtropical (21,78° C média) oferece à sua população de 293.772 (censo IBGE/99) um dos maiores níveis de qualidade de vida do país. Maringá se tornou uma Metrópole Regional (www.maringa.pr.gov.br).

6. Não houve um planejamento procurando definir a priori um número ideal de escolas ou de jogos e treinos a serem observados, simplesmente fui efetuando as observações, e quando senti que as informações começaram a se tornar repetitivas entendi que poderia interromper as observações. Assim, também, ocorreu com as entrevistas aos sujeitos.

A partir das observações de cada treino e de cada jogo, eram realizadas as descrições, procurando captar uma imagem por palavras do local, das pessoas, das ações e conversas. Nos movimentos realizados no campo de pesquisa a questão norteadora do estudo (O que é isto, o desporto futsal na escola?) esteve sempre presente, pois considero esta interrogação uma procura que, observando-se o próprio sujeito em seu mundo-vivido no desporto futsal, possibilita a descrição e, a partir dela, a compreensão da essência do desporto escolar.

O processo interpretativo denominado de análise ideográfica foi desenvolvido a partir de leituras da descrição. Neste caso foram levantadas as unidades de significados, “enquanto aspectos que impressionam o pesquisador, dentro do seu campo perceptual, para chegar à evidência das experiências” (Machado, 1997) dentro da perspectiva da educação; após cada unidade de significado vem a explicitação do texto descrito, momento em que o pesquisador converte “as unidades de significados selecionadas para um discurso educacional na forma de asserções que indiquem o mais fielmente possível as idéias articuladas” (Machado, 1997) na descrição; na seqüência é elaborada a análise ideográfica específica, que é a apresentação da síntese do pensamento sobre cada treino e cada jogo observados e, do discurso de cada sujeito entrevistado; e, por fim, chega-se à análise ideográfica geral, que tem como base todos os momentos efetuados no processo de interpretação. As análises ideográficas gerais expressam os pensamentos sintéticos sobre o desporto futsal na escola a partir de minha interpretação sobre o observado no mundo de prática do futsal.

A intenção é instaurar um processo contínuo de descrição, compreensão e interpretação dos aspectos que foram percebidos e extraídos por intermédio da observação livre dos treinos e dos jogos, concebendo, como Ricoeur (1978), que a interpretação

[...] é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal. [...] Símbolo e interpretação tornam-se, assim, conceitos correlativos: há interpretação onde houver sentido múltiplo; e é na interpretação que a pluralidade dos sentidos torna-se manifesta.

O FENÔMENO DESPORTIVO ESCOLAR NO OLHAR PERSPECTIVAL DO SUJEITO-PESQUISADOR: O FUTSAL NA ESCOLA

Neste momento apresento a etapa final do processo interpretativo dos treinos e jogos observados e, valendo-me das palavras de Merleau-Ponty (1994), a princípio digo que olhar o desporto futsal na escola, significa “habitá-lo e dali apreender todas as coisas segundo a face que elas voltam para ele. Mas, na medida em que as vejo, elas permanecem moradas abertas ao meu olhar e, situado virtualmente nelas, percebo sob diferentes ângulos” o desporto escolar. Neste sentido, olhar a prática do futsal, tendo como foco central de visão os treinos e os jogos, possibilitou-me perceber o fenômeno desportivo escolar de uma forma contextualizada;

portanto, minha percepção não se situou no vazio, mas numa condição de um estar-com-o-percebido, de habitá-lo, entendendo que

[...] o que é percebido, nunca é visto sem que seja olhado. É o invisível se mostrando, tornando-se visível. Para tanto, solicita um ver e uma consciência atenta que o veja. É o ir-às-coisas-mesmas, experiência fundante do pensar fenomenológico, necessário ao rigor do pesquisar fenomenológico (Bicudo 1997).

E que experiência, no pensar e no pesquisar fenomenológicos, é compreendida como experiência vivida; não é a experiência das coisas de que os sujeitos se ocupam, no contexto do desporto escolar, do futsal na escola, de forma delimitada, preconcebida e automática, mas, sim, as vivências enquanto agir e fazer, de modo criativo e crítico, em seus “mundos-vidas” de forma intersubjetiva, mostrando que o sujeito-pesquisador e o fenômeno pesquisado são partes integradas e interagentes em um todo sociocultural.

O QUE É ISTO O DESPORTO FUTSAL NA ESCOLA? O OLHAR DO PESQUISADOR SOBRE O MUNDO-VIVIDO DOS SUJEITOS NOS TREINOS

Tendo por base as observações de treinos pude perceber que a estrutura e a organização do futsal na escola é uma cópia do modelo do desporto de alto rendimento, que utiliza as fases do desenvolvimento infantil, exclusivamente, sob o foco cronológico para a definição e preparação de equipas competitivas compreendendo o ensino fundamental.

Com este propósito algumas escolas particulares oferecem “escolinhas” para a estimulação e aprendizagem precoce do futsal aos alunos da Educação Infantil e do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, cobrando mensalidades específicas e, os alunos que passam para o treinamento em equipas representativas da escola em competições oficiais deixam de pagar tal mensalidade e, ainda, poderão receber descontos parciais nas mensalidades escolares ou bolsas de estudo integrais.

O mundo-vida dos sujeitos envolvidos nos treinos de futsal compreende uma complexidade de relacionamentos interpessoais de amizade, disciplina, desafio, respeito, conflito, competitividade, vitória, derrota, embate corporal, combate corpo-a-corpo, prazer, frustração, jogo de intenções, estratégias de práticas de técnicas especializadas do futsal, com e sem bola, no qual o elemento lúdico, o jogo, é utilizado como meio para atingir um fim maior, que é a preparação individual e coletiva para a competição oficial.

A metodologia centraliza as decisões na pessoa do professor-técnico, que se baseia na utilização da competição e da fragmentação do jogo para proporcionar aos alunos-atletas um “ambiente controlado” de prática, no qual as atividades seguem de forma linear do mais simples para o mais complexo, da menor para a maior intensidade, da atividade individual para a coletiva, do pequeno para o grande espaço, enfim, da parte para o todo.

O conteúdo se restringe aos elementos técnicos e táticos do futsal focados em atividades extraídas da realidade do jogo oficial, muito embora, em alguns poucos momentos, seja o próprio jogo global, espontâneo e livre que tem seu lugar, passando a vigorar, mesmo que temporariamente, a vivência e a recreação, sem a necessidade da “produção de resultados”, que leva ao aperfeiçoamento e à especialização no futsal.

O relacionamento entre o professor-técnico e os alunos-atletas no treino é cordial e alegre, embora eivado de exigências de rendimento e produtividade provocadas pelo acompanhamento próximo, minucioso e até mesmo austero do professor-técnico em todas as atividades individuais e/ou coletivas. A participação dos alunos-atletas nos treinos é compenetrada, disciplinada, alegre e até mesmo eufórica em determinados momentos.

Essencialmente, com os treinos, se visa ao aperfeiçoamento e à especialização técnico-tática, que, por sua vez, são direcionados de forma direta às competições oficiais, meta que leva a um processo de racionalização e especialização precoce, o qual transforma o treino em um instrumento de seleção e discriminação.

No mundo da prática do futsal em treinamentos na escola há a convivência quase exclusiva entre o professor-técnico e os alunos-atletas. A presença dos pais aos treinos é inexistente nas escolas públicas, que desenvolvem o treinamento regular, e nas escolas particulares, onde, apesar de a maioria dos pais buscar seus filhos após o encerramento, somente alguns acompanham as sessões de treino em parte ou integralmente. Os pais que acompanham o treino, fazem-no cobrando qualidade na participação de seus filhos por meio de gestos, ou mesmo verbalmente, reprovando ou aprovando determinadas atuações, o que acaba tirando a espontaneidade e a liberdade dos alunos-atletas.

Outro personagem importante no mundo do desporto na escola é o diretor da escola. Pode-se dizer que no contexto do treino de futsal das escolas públicas esta figura é totalmente ausente; e, que nas escolas particulares podemos vê-la, esporadicamente, circulando pelas quadras desportivas, fazendo um reconhecimento, relacionando-se com os alunos e até mesmo fiscalizando as atividades em geral.

O QUE É ISTO O DESPORTO FUTSAL NA ESCOLA? O OLHAR DO PESQUISADOR SOBRE O MUNDO-VIVIDO DOS SUJEITOS NOS JOGOS

Por meio da observação de jogos de futsal percebo que tanto as escolas públicas quanto as particulares se encontram definitivamente inseridas na estrutura desportiva institucionalizada na modalidade de futsal e participam ativamente das competições oficiais, com equipes representativas nas categorias fraldinha, pré-mirim, mirim e infantil. Estas categorias são definidas pela instituição desportiva com base nas idades cronológicas dos praticantes, ou seja, alunos-atletas de 7 a 14 anos, que, normalmente, estão distribuídos entre a 1ª e 8ª séries do ensino fundamental.

Formam equipes em categorias denominadas de: fraldinha, com alunos de 7 e 8 anos de idade, da 1ª e 2ª séries; pré-mirim, com alunos de 9 e 10 anos de idade, da 3ª e 4ª séries; mirim, com alunos de 11 e 12 anos de idade, da 5ª e 6ª séries; e infantil, com alunos de 13 e 14 anos de idade, da 7ª e 8ª séries. Algumas escolas, principalmente da rede particular, participam de competições nas categorias mamadeira e infanto-juvenil, respectivamente, com alunos de 5 e 6 anos pertencentes à educação infantil e de 15 e 16 anos pertencentes ao ensino médio.

Nestas competições oficiais a escola se subordina ao modelo do desporto de alto rendimento, participando de jogos regidos pelas regras internacionais de futsal, criadas e aperfeiçoadas a partir e para o jogo de atletas adultos. As regras são aplicadas de forma rigorosa por uma equipe de arbitragem especializada, que representa a instituição oficial e é constituída por um delegado, dois árbitros, um cronometrista e um secretário. A instituição desportiva oficial se constitui a partir da Liga de Futebol de Salão de Maringá (LFSM), que é filiada à Federação Paranaense de Futebol de Salão (FPFS), esta filiada à Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS), e que por sua vez, é filiada à Federação Internacional de Futebol (FIFA) e ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB), que se insere como um dos componentes do Comitê Olímpico Internacional (COI).

Tal submissão estabelece objetivamente as funções dos sujeitos, alunos-atletas, professores-técnicos, pais de alunos-atletas e diretores de escolas, envolvidos no mundo da prática do futsal escolar, respectivamente, como: atletas de rendimento precoce, que devem executar ações, movimentos e comportamentos individuais e coletivos sempre mais aperfeiçoados; técnicos especialistas, que têm os elementos técnicos e táticos do futsal como conteúdos prioritários a serem dominados e tratados no jogo; torcedores ardorosos, que visam, acima de tudo, estimular e cobrar o rendimento máximo de seus jogadores e de sua equipe na busca da vitória a qualquer custo; e dirigentes, que, mesmo não oferecendo as condições ideais para a preparação da equipe, utilizam os resultados positivos e os títulos conquistados como *marketing* da escola e de reconhecimento pessoal dentro e fora da comunidade escolar. Os diretores de escola, invariavelmente, não comparecem aos locais de jogos para acompanhar os alunos nas competições.

Envolvidos no mundo do futsal competitivo, os alunos-atletas tornam-se estereótipos de jogadores profissionais, porque, além dos treinamentos regulares, racionalizados e sistematizados, que delimitam, homogeneizam e especializam suas funções dentro do jogo, ainda tentam reproduzir minuciosamente os gestos, comportamentos e atitudes de seus ídolos, que são exacerbadamente veiculados pela mídia.

Os alunos-atletas sentem a pressão da simples presença de seus pais no mundo do jogo oficial e passam a buscar a todo o custo corresponder às expectativas que, inevitavelmente, lhes são depositadas. O nível de intensidade da pressão depende, sobremaneira, da postura dos pais. Estes, normalmente, se deixam envolver pela competição e passam a pressionar a arbitragem com

críticas, ofensas e até mesmo com tentativas de agressão, e como também o professor-técnico, discordando das orientações que determinam os posicionamentos na quadra e da escalação ou não de determinado aluno-atleta, quando não do próprio filho. Sob este tipo de pressão os alunos-atletas, ao se sentirem os pivôs da situação, podem apresentar atitudes descontroladas e agressivas no relacionamento com os companheiros, adversários, árbitros e torcedores.

Se no jogo oficial de futsal, a busca pela vitória a qualquer preço prevalecer sobre os significados educativos, com suas características lúdicas, sociais, culturais e de atividade voltada para a saúde, que podem ser potencializadas na prática do jogo de futsal, os alunos-atletas sofrem vários tipos de pressão, que advêm de várias procedências: dos pais-torcedores, os quais, envolvidos pela competição, tendem a se transformar em “empresários” que vislumbram para seus filhos-atletas um futuro promissor como craques; do tempo de jogo, que, sendo exíguo, muitas vezes não permite sequer a participação no jogo; do desequilíbrio emocional generalizado, que pode impedi-lo de apresentar uma boa *performance*, trazendo-lhe frustrações.

O professor-técnico, que é um profissional qualificado na área de Educação Física, detém o controle total sobre os alunos-atletas e direciona as ações, os comportamentos e as atitudes destes dentro do jogo; e, independentemente de a equipe realizar ou não treinamentos regulares, sua função é determinar um jogo mais coletivo e sistematizado, em detrimento da individualidade e espontaneidade características das fases de vida dos alunos-atletas envolvidos. O professor-técnico é o grande responsável pelo projeto de participação da escola no desporto de rendimento e o “fiel da balança” no que se refere aos exageros do competitivismo, que provocam exigências físico-psíquico-afetivo-emocionais extremadas aos participantes, no contexto de disputa. Ele pode levar os alunos-atletas que estão sob suas orientações a níveis exagerados de estimulação e exigências, na busca da vitória, ao submeter a equipe da escola à lógica do desporto de rendimento e abandonar o enfoque pedagógico, que deve ter como centro de todas as atenções, procedimentos e entendimentos, o mundo-vida do sujeito praticante. A participação do professor-técnico, durante o jogo, é dinâmica e, no final, ele procura manter-se “frio” tanto na vitória quanto na derrota; mas ao vencer manifesta, mesmo que de forma contida, sua alegria, e ao perder, procura com sua liderança minimizar as conseqüências da derrota para seus alunos-atletas. Com raras exceções os professores-técnicos apresentam bom relacionamento, tratando de forma educada e respeitadora os componentes do contexto do jogo de futsal, desde os familiares até os árbitros e, principalmente, os alunos-atletas.

Os pais representam a garantia de presença dos alunos-atletas no local de jogo, principalmente nas categorias fraldinha, pré-mirim e mirim, pois, além de permitirem a participação, responsabilizando-se por possíveis acidentes, cumprem a tarefa de levá-los e trazê-los dos jogos, quando não assessoram o professor-técnico na organização e infra-estrutura da equipe. Isso ocorre mais acentuadamente nas escolas particulares, enquanto nas escolas públicas a presença

dos pais é menos freqüente e o professor-técnico assume maiores responsabilidades e tem muitos problemas, principalmente com o transporte dos alunos-atletas para os jogos. Na categoria infantil, a presença dos pais da escola particular diminui e, da escola pública, praticamente não existe, a não ser em ocasiões especiais, quando há uma mobilização da comunidade escolar pelo professor-técnico junto à administração da escola, o que somente ocorre quando a equipe consegue chegar a uma disputa de semifinal ou final. Esse afastamento dos pais dos locais de jogos faz com que a pressão sobre os alunos-atletas diminua nas categorias maiores, como infanto-juvenil e juvenil, fases em que os praticantes estão mais bem-treinados, possuem maior experiência e amadurecimento, portanto podem suportar mais altos níveis de pressão e de carga físico-psíquico-emocional.

Nem sempre a submissão ao rigor das regras oficiais do desporto tira a liberdade, a espontaneidade e o prazer de jogar, mas a exacerbação da competição, que é centrada no vencer a todo custo, na racionalização e na sistematização do jogo e na especialização técnica do aluno-atleta, sim. Como a busca de títulos na competição exige uma *performance* sempre mais aprimorada, a forma racionalizada, sistematizada e treinada de jogar acaba prevalecendo sobre o jogo espontâneo e livre. Com isso, a estratégia do jogo, que é extremamente rica, torna-se pouco espontânea e criativa, devido ao treinamento predeterminar todas as ações, movimentos e deslocamentos realizados durante o jogo, priorizando a tática coletiva em detrimento da individual.

Os jogos oficiais, intensos e exigentes, são disputados regularmente, visando à conquista de títulos e de troféus que trarão o destaque e a notoriedade à escola. A imprevisibilidade do resultado e o constante desafio inerentes ao jogo mantêm a excitação e a estimulação dos participantes no contexto do futsal escolar e tendem a levar os envolvidos à auto-superação, favorecendo a ultrapassagem dos obstáculos, caso alcancem níveis adequados; ou levá-los às frustrações, aos conflitos sócioafetivos e à violência moral e física, se atingirem níveis exagerados. Nestes termos a derrota ou a vitória em um jogo de futsal, representando a equipe da escola, podem proporcionar ou não elementos importantes para a educação e a formação dos alunos-atletas envolvidos. Dentro da lógica competitivista, no jogo de futsal escolar há discriminação de titulares e reservas, de talentos e não-talentos, de melhores e piores, de vencedores e perdedores, etc.

A competição é rigorosa e exige que a equipe tenha um plantel de praticantes que possibilite o revezamento durante o jogo para evitar sobrecarga sobre determinados alunos-atletas. A sobrecarga sobre alguns praticantes é comum, pois em todos os grupos há aqueles considerados melhores, que, ora mais ora menos, serão mais exigidos do que outros em função da necessidade de se conquistar um resultado positivo no jogo.

A torcida, que é composta por familiares, principalmente pelos pais, exerce extrema influência sobre o desenvolvimento do jogo, afetando o desempenho dos alunos-atletas, interferindo nas orientações do professor-técnico e tentando fazer com que as decisões da arbitragem sejam favoráveis

à sua equipe. Durante o jogo a euforia se transforma em exigência e esta pode se transformar em ofensas, que, invariavelmente, são destinadas à arbitragem, e até mesmo em violência.

O equilíbrio de forças entre os oponentes gera um placar menos dilatado, mais justo e não humilhante, o que deixa um clima de maior satisfação tanto para os vencedores como para os vencidos. Independentemente do que tenha se passado no decorrer do jogo, em seu final o protocolo oficial, controlado pelos árbitros, exige uma postura de aceitação do resultado e de saudação mútua entre os oponentes, a qual nem sempre é espontânea.

Apesar de conviverem no mesmo contexto desportivo, as escolas públicas e as particulares treinam e participam de competições dentro de condições materiais bastante distintas. Enquanto a escola particular investe na aquisição de equipamentos, na melhoria das estruturas físicas e materiais, na oferta de bolsas de estudo para alunos-atletas talentosos e na contratação de profissionais especialistas para orientar a prática desportiva do futsal, a escola pública depende da iniciativa do professor de Educação Física, que, mesmo não sendo remunerado para tal tarefa, procura desenvolver treinamentos regulares ou somente reúne os alunos interessados, formando as equipes para representar a escola nas competições.

O Estado pouco ou nada investe no desporto escolar e a direção da escola pública, pouco podendo fazer, depende da iniciativa da comunidade escolar e de professores voluntários para ofertar a prática especializada do futsal aos seus alunos. O professor-técnico é o grande responsável pela participação da escola pública nas competições oficiais, pois, mesmo sem apoio e, muitas vezes, sem a possibilidade de realizar os treinamentos necessários, toma a iniciativa no sentido de inscrever, acompanhar e orientar a equipe da escola nestas competições.

CONCLUSÃO

É verdade que minha leitura, na à medida em que minha leitura se esforçou-se por colocar a realidade fundamental do mundo da prática do futsal na escola, ela desvelou simultaneamente o desporto a partir do sujeito participante, enquanto projeto, devido ao caminhar metodológico do estudo perpassar pela leitura da realidade da prática do futsal. O que me levou ao entendimento de que a prática consciente e crítica do desporto em treinos e jogos no mundo escolar é fundamental, pois pode auxiliar nas propostas de colocar a escola na luta contra a homogeneização social provocada pela reprodução (“muitas vezes” de forma não reflexiva) na escola da realidade social vigente. Para alcançar esta condição será necessário que o professor-técnico (digo o professor-técnico porque em todos os momentos deste estudo sua posição aparece como decisiva), imbuído de uma perspectiva pedagógica reflexiva e crítica, assuma sua condição de verdadeiro líder, no processo de estimulação, aprendizagem, prática e especialização dos alunos-atletas, na comunicação com os pais dos alunos-atletas e na relação com a direção da escola.

Bibliografia

- Bicudo, Maria, A. V.** Sobre a fenomenologia. In: Bicudo e Espósito (Organizadores). *A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: Editora Unimep, 1997.
- Bogdan, Roberto e Biklen, Sari.** *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Portugal: Porto Editora, 1994 (Coleção ciências da educação; 12).
- Espósito, Vitória H. Cunha.** *A escola: um enfoque fenomenológico*. São Paulo: Editora Escuta, 1993.
- Freire, Paulo.** *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 23. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- Gadotti, Moacir.** *A educação contra a educação*. 3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- Machado, Ozeneide V. de Mello.** Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativas. *A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. 2. Organizado por Maria Aparecida V. Bicudo e Vitória Helena C. Espósito. Piracicaba: Editora Unimep, 1997.
- Martins, Joel e Bicudo, Maria Helena V.** *Pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Editora Moraes Ltda, 1989.
- Merleau-Ponty, Maurice.** *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto C. Leite. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- Morais, Regis de.** Harmonização motora e qualidade de vida. In: Moreira; Simões (Orgs.). *Esporte como fator de qualidade de vida*. Piracicaba: UNIMEP, 2002.
- Prefeitura do Município de Maringá.** Disponível em: <<http://www.maringá.pr.gov.br>>. Acesso em out. 2002.
- Rezende, Antonio Muniz.** *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1990 (Coleção polêmicas de nosso tempo; v. 38).
- Ricoeur, Paul.** *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1978.
- Santini, Silvino.** Qualidade de vida e esportes nos caminhos da filosofia da corporeidade. In: Moreira e Simões (Orgs.). *Esporte como fator de qualidade de vida*. Piracicaba: UNIMEP, 2002.
- Triviños, Augusto N. Silva.** *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.